

A questão racial em *Quarto de despejo*André Francisco **RODRIGUES**Caio Mattos **BAPTISTA**Estevão Marcos Armada **FIRMINO**¹

O livro *Quarto de despejo* oferece muitos elementos para a análise da questão racial, sobretudo quando focalizamos a atitude do preconceito. Tal preconceito é sustentado por uma premissa em que há diferenças de raça entre os humanos, pelo fato de existirem pessoas com cor de pele diferentes.

Carolina sofre triplamente sendo mãe solteira de três filhos, negra e moradora da favela. O Brasil é possuidor de um discurso de harmonia racial falso, o que nos possibilita pensar nas dificuldades enfrentadas pela autora:

“Enfim, e mesmo reconhecendo-se a dificuldade de usar os termos definidores da cor, que são escorregadios em sua definição e autodefinição, o que se percebe é o caráter dissimulado da discriminação brasileira...” “... A própria imagem oficial do país buscou privilegiar aspectos culturais da mistura racial e do sincretismo e mimizou a desigualdade do dia-a-dia, que se revela tanto na esfera privada como na pública. A população preta e parda não só apresenta renda menor, como tem acesso diferenciado à educação, registra mortalidade mais acentuada e casa-se mais tarde e, majoritariamente, dentro de seu próprio grupo. Com isso tudo, e ainda assim, aposta-se na “democracia racial”. Frágil democracia.” (SCHWARCZ, 2001, p. 63)

É indiscutível a condição subalterna que se reservou aos homens e mulheres negros no Brasil. Esse problema advém de um passado histórico colonial e escravista e da ausência de verdadeira preocupação com a solução da questão.

Em vários momentos da narrativa nota-se essa situação de subalternidade dada às pessoas negras. Pode-se destacar dois trechos, primeiramente aquele em que um menino diz a Carolina que gostaria de ser seu filho, mas Carolina retruca que ele teria de ser negro para isso. Esta afirmação, que parece ser um ponto final na questão, deixa implícita que a possibilidade de ele escolher ser negro é incabível.

¹ Graduandos do Curso de Ciências Sociais na FFC/UNESP e partícipes do Seminário “*um olhar sociológico sobre Quarto de Despejo*”

“A Rosalina dizia que ela é sosinha e sustenta três filhos. É que ela não sabe que o seu filho Celso anda dizendo que quer fugir de casa porque tem nojo dela. Acha a mãe muito barbara e avarenta. Ele diz que queria ser meu filho. Então eu lhe digo:

– Se você fosse meu filho, você era preto. E sendo filho de Rosalina você é branco “. (JESUS, p. 92)

Há outras passagens de *Quarto de despejo* que merecem ser lembradas, com o intuito de reforçar esse legado entre aqueles considerados não-brancos. A escritora cita o encontro com uma “pretinha” que é muito “limpinha”, e descreve as atitudes de Florenciana, que se difere dos “pretos” por ser muito ambiciosa.

“Fui na casa de uma preta levar umas latas que ela havia pedido. Latas grandes para plantar flores. Fiquei conhecendo uma pretinha muito limpinha que falava muito bem. Disse ser costureira, mas que não gostava da profissão. E que admirava-me. Catar papel e cantar.” (JESUS, p. 23)

“A Florenciana é preta. Mas é tão diferente dos pretos por ser muito ambiciosa. Tudo que ela faz é visando lucro. Creio que se ela fosse dona de um matadouro havia de comer os chifres e os cascos dos bois”. (JESUS, p. 67).

A partir dessas afirmações, subtende-se que para o discurso da época seria excentricidade uma pessoa negra ser limpa, ou aspirar por melhorias na vida. Têm-se a impressão que essas duas mulheres agem contrariamente ao que deveriam ser ou fazer.

Há uma efetiva imposição social aos negros para que não tentem mudanças nas suas condições de vida, como se pode ver em várias frases do diário de Carolina. Em uma delas, a mais grave e explícita, a escritora relata ter sido chamada na rua de “negra fidida”, demonstrando as duas faces da discriminação encontrada na sociedade brasileira, a subentendida e a escancarada e agressiva. Tanto esta forma de discriminação, que se faz com todas as palavras quanto aquela que define os papéis sociais às pessoas negras, desconstroem o mito da “democracia racial”.

Florestan Fernandes faz uma abordagem muito interessante dessa “falsidade ideológica”. Ele nota a existência de uma forma peculiar de racismo, explicada por Lilia

Schwarzc: “O autor notava, ainda, a existência de uma forma particular de racismo: ‘um preconceito de afirmar o preconceito’”. (2001, p. 34)

Também podemos encontrar outra característica da discriminação racial no livro “O que é racismo?” de Joel Rufino dos Santos: “O racismo tem essa peculiaridade: acaba se introjetando nas suas vítimas, tornando-as, também racistas”. (1980, p. 73) E Carolina demonstra esse aspecto quando afirma que queria ser preta para fazer escândalo e rasgar as roupas do senhor Manoel, e no relato em que é ofendida por um negro num grupo de brancos.

“...Eu estava chingando o senhor Manoel quando ele chegou. Deu-me boa noite. Disse-lhe:

– Eu estava te chingando. O senhor ouviu?

– Não ouvi.

– Eu estava dizendo aos filhos que eu desejava ser preta.

– E você não é preta?

– Eu sou. Mas eu queria ser destas negras escandalosas para bater e rasgar as tuas roupas. (JESUS, p. 119).

“Saí a noite e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, várias pessoas saíam do campo. Todos brancos, só um preto. E o preto começou insultar-me:

– Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia.” (JESUS, p. 12)

Ainda a esse propósito, da introjeção de uma certa subalternidade racial, também devemos lembrar a afirmação da mesma Carolina: “Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz”. (JESUS, p. 27)

Outro escritor de literatura nacional que anteriormente à Carolina já tratava da discriminação racial é Afonso Henriques de Lima Barreto. No romance *Clara dos Anjos* tal situação se assemelha aos relatos de *Quarto de despejo*, em que depois de travar contato com a família de Cassi Jones, Clarinha tem a consciência de como é vista socialmente: “Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro”. E finaliza a obra com os dizeres para a mãe: “Nós não somos nada nesta vida”. Ou seja, Lima Barreto já dava forma a esta discriminação herdada dos tempos do escravismo no Brasil e acrescentada pelas teorias que vinham da Europa nos finais do Século XIX, como observa Giralda Seyferth (2001). Como observa a autora, neste século foi criado o conceito de raça para

demarcar pertencimentos nacionais e depois o mesmo conceito foi aproveitado para legitimar a dominação política e econômica de povos colonizados.

No Brasil, após a independência, o governo querendo formar um “país civilizado” criou políticas de imigração de europeus, pois devido à teoria do darwinismo social um país só se tornaria civilizado com população branca de descendência européia. Por não serem aceitos como “civilizados”, os negros ficaram à margem no mercado de trabalho e, com o passar do tempo, a maioria passou a viver nos subúrbios, cortiços e favelas. Carolina é mais uma dessas vítimas, que foi desde o seu nascimento deixada às margens por causa de uma ideologia da classe dominante do passado que ecoa até os dias de hoje.

Como conclusão devemos pensar na afirmação de Lilia Schwarcz (2001), que só existe uma raça no Brasil, como em qualquer parte do mundo: a humana. Carolina também mostra concordância com a idéia, quando escreve:

“O branco é que diz superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém.” (JESUS, p. ?)

Referências Bibliográficas:

SCHWARCZ, Lilia. Racismo no Brasil, São Paulo, PubliFolha, 2001.

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo?, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980.

SEYFERTH, Giralda. Racismo no Brasil, Editora Fundação Peiropolis, 2001

BARRETO, Lima. Clara dos Anjos, Editora Ática, 1998

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo,